

O Estado de São Paulo
Segunda-feira, 21 de junho de 2004

Choques de realismo CHINA E SALÁRIO MÍNIMO SUBLINHAM FRAGILIDADES DO GOVERNO

MARCELO DE PAIVA ABREU

Dois fatos na última semana sublinharam de forma enfática quão frágil é a posição estratégica do governo. O primeiro foi a série de decisões do governo chinês quanto à entrada de soja brasileira na China que, de forma bastante súbita, pôs fim ao clima algo sonhador que dominava a política externa brasileira. O segundo foi o voto dos segmentos mais responsáveis da oposição - e, em particular, do PSDB - a favor de valor para o novo salário mínimo de R\$ 275,00, acima dos R\$ 260,00 propostos pelo governo.

Os dois fatos devem ser analisados tendo como pano de fundo as realizações do governo Lula desde o início de 2003. O balanço é extremamente assimétrico. O grande sucesso, a despeito de choro e ranger de dentes, dentro e fora do governo, foi a condução da política macroeconômica. A ameaça do retorno da inflação foi contornada, bem como lançadas as bases para que a economia volte a crescer. Mas a sustentação da volta ao crescimento depende crucialmente de políticas setoriais eficazes que, em muitos casos, nem formuladas foram.

O que se vê, no caso extremo, é o mais importante instrumento do Estado brasileiro, o BNDES, com a atuação comprometida ao alinhar-se a ênfases resgatadas com base em reconstruções seletivas da história. Declarações histriônicas, baseadas em preconceitos gerados por orgulhoso banzo nacional-desenvolvimentista, são repetidas semanalmente na mídia. O que será que passa na cabeça de um potencial investidor no Brasil ao ler essas tiradas arcaicas?

Entre as políticas fora do locus de incontestado sucesso no eixo Fazenda-Banco Central, a política externa poderia ocupar posição de destaque, pelo menos até a semana passada. Reorientada corretamente para enfatizar o aprofundamento das relações comerciais e políticas com outras grandes economias em desenvolvimento, mostrou, entretanto, pelo menos duas vulnerabilidades importantes. Cometeu o erro inicial de explicitar posição in limine de resistência à integração hemisférica e aos EUA, deixando de jogar com a óbvia dificuldade enfrentada pelo governo norte-americano quanto à apresentação de propostas de abertura de mercados agrícolas que satisfizessem minimamente o Mercosul. Na política de aproximação às outras "economias-baleia", e em particular à China, faltou ao Itamaraty o sangue frio que recomenda a melhor tradição diplomática. Foi abandonado qualquer cuidado que seria recomendável com base no contraste das estruturas produtivas das duas economias e na experiência histórica quanto ao mercado chinês. No auge do obaobismo houve até mesmo livre curso de idéias sobre um acordo de livre comércio com a China e sobre algum tipo de "arranjo" que permitisse ao Brasil fazer uso das reservas cambiais chinesas... A miopia brasileira na percepção das perspectivas da relação com a China sofreu um choque de realismo da semana passada. As decisões chinesas sobre o desembarque de soja brasileira e os obstáculos protocolares à tentativa de solução do impasse fazem pensar quanto aos riscos futuros associados à exposição a decisões discricionárias do governo chinês. O descontentamento de alguns quanto à amnésia tibetana que acometeu o governo brasileiro na recente visita à China parece

menos criticável do que sugeriram os defensores do governo. O governo chinês tem longa experiência no uso de políticas discricionárias e não há bom processo seletivo de partido único que substitua a contento e de forma contínua os checks and balances de um sistema representativo. Negócio da China é expressão que requer análise mais profunda do que sugere a vã filosofia.

O segundo choque de realismo da semana passada decorreu da votação no Senado contra o projeto do governo quanto ao salário mínimo. O registro fotográfico do regozijo dos vitoriosos - congozando, entre outros, os senadores Antonio Carlos Magalhães, Heloísa Helena e Arthur Virgílio - é um dos mais melancólicos retratos do estado da República. O PSDB durante meses bateu na tecla de que os parlamentares do PT demonstravam total incoerência ao votarem a favor de elementos de uma política econômica "ortodoxa", a despeito de sua tenaz oposição no passado. Os senadores do PSDB, ao votarem um nível de salário mínimo capaz de interferir significativamente com o ajuste fiscal, demonstraram oportunismo eleitoreiro similar ao de seus colegas de governo no passado. A diferença é que, agora, os senadores que votaram a favor da proposta do governo estão votando a favor da continuidade de políticas que, demagogia à parte, defendem os interesses coletivos. Agora é o PSDB que está errado. O problema poderá ser solucionado pela Câmara de Deputados evitando o veto presidencial e o conseqüente desgaste político. Mas o recado está dado e deve ser digerido.

Mais do que nunca, o que o governo tem efetivamente a mostrar é o resultado da política econômica. E o que tem a mostrar pode ser contraproducente do ponto de vista eleitoral. O PSDB mostrou a mão e suscita preocupações quanto ao seu compromisso de longo prazo relativo à política econômica. Será serrista ou malanista? Neste quadro qual seria a reação do governo a uma derrota nas próximas eleições municipais? Insistir na seriedade macroeconômica demonstrada até agora, ou dar espaço às políticas econômicas do tipo miolo mole que rondam o Planalto?

Marcelo de Paiva Abreu, doutor pela Universidade de Cambridge, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio em licença sabática